

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

BÍLTRIS & CINDAPSOS

DOIS HÁPAX HELÉNICOS EM UM PASSO OBSCURO DE FILINTO ELÍSIO

Quis potest capere, capiat.

Obras Completas, 1, p. 33, n. 1.

Na «refastelada *prosopopeia*» ou «estiradíssima parlenda» ¹ que é a famosa *Carta ao Senhor Francisco] J[osé] M[aria] de B[rito]* — desossado e enervante acervo de mil quinhentos e setenta e três versos inútilmente repisados e ouriçados de notas desconformes ², e cuja substan-

¹ São expressões do próprio Autor, no *post-scriptum* da *Carta* (1, p. 107), onde, mais benignamente, ela aparece ainda rotulada de «prolongadíssima escritura». Já a p. 53 n. lhe chamara «aranzel» e «almanjarra poética», e a p. 68 n. reconheceu «tão violenta a destemperança metrificante, e tão aturada a cólica da imaginação, que não havia ai panos quentes que a mitigassem».

A crítica subscreve, a seu pesar, a confissão espantosamente sincera de Filinto (iv, 197-198): «Se algumas poesias compus de longo tiro, bem mostram elas, a cada trecho de continuação, as quebras do estro, e talvez o desmanchado das traçadas ou não traçadas linhas. Seja exemplo a *Carta ao Cavalheiro Brito*, em que as repetições ressumbram a cada passo, o desatado de seus períodos alardeia o desatado da imaginação do autor. Tem o desar de que foi feita a troncos, e que saiu de um juízo em que as ideias andaram sempre baralhadas: pela razão, que mencionei, que nenhum método na minha leitura entrou jamais.»

² Nada menos de cento e quarenta e duas (e algumas prolongadas no rodapé das três ou quatro páginas imediatas). Comovente, e humilde, a justificação do Autor (1, 89-90 n.): «Podem-me acusar, e talvez com bem razão, de serem longas de sobejo, e de serem muito amontoadas as notas desta *Carta*. Mas peça-lhes que me perdoem : e certo estou que o farão, logo que considerem que estou velho e pobre, e por conseguinte solitário e triste; que não tenho amigos que me divirtam, nem posses para ir a teatros ou jogar nas assembleias; que todo o tempo emprego em ler quatro alfarrábios que comprei a vintém, e os mais caros a tostão; e, se não leio, escrevo; e só desse modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidão.»

cia didáctica, minguada e condensável em menos de trezentos ³, lhe valeu, mesmo assim, foros de *Arte Poética Portuguesa* ⁴, elogios calorosos de Garrett ⁵ e o interesse cerra-fila de quase todos os antologistas nacionais —, escreve Filinto Elisio, em um dos tantísimos passos em que deplora, com obsessiva tenacidade, o abastardamento da língua portuguesa do seu tempo:

«Tal éra a Gerigonça máis da móda,
 (Quando eu nasci) nos Pulpitos gritada,
 E cantada nas nóbres Académias;
 Quando Ingenhos máis altos, indignados
 Da fatal corrupção, a resurgirão
 Das campas do lethargo em que a pozêrão
 Balofos Biltris, mazorraes Syndapsos.» ⁶

³ O próprio Filinto, aliás, não andava longe desta opinião (1, 107): «Bem pudera o autor — dirão alguns perluxos — encurtar, como lhe era permitido, a saia desta estiradíssima parlenda. Sim, senhores: bem a encurtara, se me eu vira teso e crespo, nos meus vinte e quatro e um ferrugento. Oh, como eu empunhara a catana da crítica; e talho de aqui, revés de acolá, gilvaz um atrás de outro, não lhe ficava são o quarto da sua refastelada *prosopopeia!* Mas, misero de mim, que oitenta e dous anos me quebraram os brios, e tão desasado tenho o juízo que pegar eu na pena e sair-me por ela um chorrinho de destemperos é tão corrente cousa como cheirar a alho quem de alho comeu açorda, ou cambalear pela rua quem muito de mistela se tomou.»

Em boa verdade, como ao seu amigo pede o Autor no fecho da *Carta* (1, 107), há que pôr «a marca / no precioso quilate da matéria, / curando pouco do feito tosco».

⁴ É com o título de *Da Arte Poética e da Língua Portuguesa: Epístola* que esta *Carta* figura à cabeça do *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos Autores Portugueses Antigos e Modernos* (Paris, 1826), t. 1, pp. lxxix-cxxxiii. E cf. em a n. 5 as palavras de Garrett.

⁵ Escreve o poeta no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* (*Obras Completas*, ed. Teófilo Braga, Lisboa, 11, p. 360, col. 1): «A sua epístola [de Francisco Manuel] sobre a arte poética e língua portuguesa pode rivalizar [!] com a de Horácio *Aos Pisões*: força de argumentos, eloquência de poesia, nobre patriotismo, finíssimo sal da sátira — tudo ali peleja contra o monstro multiforme.»

Garrett, aliás, como se sabe, era destemperado e acrítico nos seus encômios a Filinto (*ibid.*, p. 360, coll. 1-2): «Que direi das odes? Minha íntima persuasão é que nunca língua nenhuma subiu tão alto como a portuguesa na lira de Francisco Manuel. Que há em Píndaro comparável à ode a Afonso de Albuquerque? Onde há poesia sublime, elegante, imensa como seu assunto, na dos novos Gamas? [...] Que imenso, que grandioso é o cantor de tamanhos afectos!»

⁶ Citamos sempre pela edição parisiense de 1817-1819 (*Obras Completas* de Filinto Elysio, Segunda edição, emendada, e acrescentada com muitas Obras

Sentiu o Autor que, no último verso, propunha aos seus leitores charada algo maior que os *anguir rodent es*, *crescentígeros*, *flavifluos*, *nubicogos*, *omnígenos*, *septfúiminos*⁷, *undiflamos* e quejandos latinismos ou pseudolatinismos da sua desinspirada escritura⁸: mas nem por isso

inéditas, e com o retrato do Autor» [11 volumes]), ainda feita, à excepção dos últimos volumes, sob as vistas do poeta, e com a revisão, material, do Dr. Francisco Solano Constâncio. Este, sangrando-se em saúde, diz logo à entrada do primeiro volume (p. 7): «Se ainda resta alguma diferença no modo de escrever e acentuar as palavras, isso se deve imputar em grande parte à falta de um sistema universalmente reconhecido de ortografia portuguesa, e de uma prosódia da língua; e, por efeito da lastimosa negligência da nossa Academia e dos nossos escritores neste particular, também se deve atribuir a não ter o Autor adoptado uma regra fixa e uniforme de ortografia e de acentos.» E no vol. vm, p. 424: «Se o público pudesse ver em que estado saem das mãos do Autor as provas, e os contínuos descuidos e negligência do impressor, talvez que concedesse algum merecimento ao revisor.»

O passo da *Carta* acima transcrito (único em que mantivemos a grafia e pontuação originais) vem em I, 33. No *Parnaso Lusitano* (I, p. LXXIV) e na edição lisboense de 1836-1840 (I, p. 50) o último verso aparece escrito:

«Balofos biltres, mazorraes syndapsos.»

e no *Parnaso* anota-se: «Derivação das palavras gregas *πλικτρις*, e *συνδασεες* [sic].»

⁷ É *septfúlmina* (voz) que se lê (vin, 443 e n.) na edição de 1817-19; na de 1836-40 (xvi, 318) emendou-se, com desprezo da métrica, para *septifúlmina*: e cf., a propósito, *Colomb* por *Colombo* v, 99, *fund-dobre* por *fundo-dobre* vm, 251, *quérub* por *querubim* vm, 442, e ainda a estranha forma *demon-mitrado* m, 320 e n.

⁸ Ainda está por fazer o estudo dos compostos filintianos, que, sobre serem, algumas vezes, flagrante documento de mau gosto, revelam bem a liberdade — parades meias da licença — com que o Autor conformava a língua às exigências da sua inestancável metrorreia. Prescindindo embora dos falsos compostos, que são em número elevadíssimo e resultam de arbitrariedades de grafia (v.g. «a *ardente-aguda* luz» I, 188; «*roxo-inchado* bago» m, 50; «*ananás régio-coroado*» m, 401, «*rápido-rodante* coche» iv, 392; «*reis amplo-crinitos*» vu, 262), a lista não deixa de ser imponente, como pode ver-se pela colecção que, a título de achega, damos a seguir (e que, sem aspirar a completa, inclui, todavia, mais de uma centena de vocábulos nunca registados em léxicos portugueses). Tentámos uma primeira arrumação do material e, sempre que se tratou de epítetos raros (muitos deles constituem hápax), indicámos o substantivo qualificado. Em sete casos, que levam a sigla F., entenda-se que a referência, tomada em Cândido de Figueiredo e *respeitante à edição de 1836-40*, não pôde ser verificada na de 1817-19.

aereonauta, m. m, 92, *albinigrante* égua vil, 206, *altimagro*, m. v, 410, *altimontado* carrinho xi, 247 n., *altissonante* (cf. *altissono*) I, 362, m, 154, v, 63, 70, 133, *alvidoce* cristal m, 362, *alvimosqueado* corcel m, 419, *alvinitente* vu, 28, *alvispuman-tes* cascadas v, 392; *alvispumoso* líquido m, 379, *ambriodoro* algodão v, 400, *anguicornado* xi, 28, *anguirrodente* remorso m, 410, *anilongo* globo vu, 87, *arcitenente* Febo I, 344, Diana vu, 15, *argentifronte* lua v, 86, *argentiplúmeo* -as aves vm, 278,

baniu em glosa a escuridade, antes a espevitou com anotar : *quis potest capere, capiat*. Desenvoltura toante, não há dúvida, com o trêfego espírito de um poeta que, nas vestes de laranjeiro, conseguira escapar à redada dos inquisidores: mas que, cento e tantos anos depois, ainda engulhava a prevenção de um lexicógrafo como Figueiredo.

argentiscâmeo -as povoações m, 360, *auribordado* véu xi, 55, *auribrilhante* i, 341, 371, *auricêrulo* -a cobra vm, 97, *aurichuvo* Jove (cf. *ourichuvo*) i, 390, *auriclipeo* -a Tebas vm, 397 e n., *auricomado* facho viu, 126, *auricomado* Nictileu vm, 398, -s Bátavos π, 404, *auricrinante* Delmira v, 177, *auricrinito* Apoio iv, 5, *auric*roados* anciões vil, 91, *auridulce* v, 172, xi, 193, *auriflamante* m, 308, *auriflâmeo*, m. vil, 208, *auriluzente* m, 78, 183, vil, 209, *aurimesclado* -a seda, v, 193, *aurirrosado* vu, 53, *aurissedentos* leões iv, 50, *auriverde* v, 19, 339, *barbilongo* v, 223, *barbilouro* i, 370, ui, 280, v, 421, *bastibarba* cabeça m, 197, *bastirrachado* pinho (lat. *multifida!*) iv, 162 e n., *boquirrúbio* Rómulo m, 23, *casquimoles* trovas m, 188, *colocambeante* nação vi, 283, *cornicabras* espíritos m, 538 n., *corniluzente* Moisés m, 307, *crinicêrulo* -a deidade vm, 316, *demon-mitrado*, m. (condenado ao auto-defé) m, 320 e n., *ebrifestante* m, 24, v, 386, *ebrifestivo* v, 267, 351, *ecobatente* tambor i, 28, *famigerado* (cf. *famigero*) m, 374, *flamispirante* i, 188, *flavibicos* melros III, 264, *flavirrubro* clarão vm, 271, *fronticalvo* abutre vm, 104, *flumiflamante* vm, 396, *fund-dobreš* píxides vm, 251, *gariinsolente* animal vi, 520 e n., *gestidonosa* Flora vi, 468, *horrisonante* (cf. *horrisono*) II, 428, *igniflamante* Vesuvio m, 372, *ignifrementes* asas vm, 375, *largiparra* vinha m, 360, *leonipele* Alcides vi, 470, *lindipluma* Hélena vi, 296 e n., *longorelhudo* animal iv, 97, *lustriverde* folhagem iv, 322, *manticostumes*, m. (xxn, 115 F.), *milbisneto* Egipto v, 396, *milgamenho* (? vil, 42 F.), *mil-lindo* (? vu, 42 F.), *mirtienramado* -a frente m, 385, *multicor* i, 64, m, 363, 368, iv, 390, 395, *multifuro* tubo v, 214, *multilustroso* -a concha iv, 395, *multimodo* vm, 357, *nubicogo* Jove (cf. *ajunta-nuvens*) vu, 235 e n., *olhiagudo* ciúme m, 410, *olhipreto* Nictileu vm, 398, *olhirridente* Flora vi, 468 e n., *olhitorva* -a discórdia m, 62, *olhitoura* Juno iv, 94 e n., v, 205, *omnicoreš* vizeunucos II, 93, *omnicriador* estro i, 93, *omniparente* v, 339, ix, 5, *omnipatente* iv, 390, xi, 19, *omnisciente* i, 313, vu, 275, *oucorrimbomba* língua i, 32, *ourichuvo* deus, Jove (cf. *aurichuvo*) v, 328, ix, 5, *parricrinito* almude iv, 392, *peludicolo* vi, 410 n., *peludimano* vi, 410 n., *peludipedes* gato e raposo vi, 410, *rosiflor* loureiro vn, 7, *rubinêctar*, m. (vinho) iv, 392, *rubricristato* -a gente vi, 296 e n., *rubrilouro* -a labareda (m, 261 F.), *sanguissedento* m, 221, iv, 59, *selvicomado* -a Zacinto vm, 57, *septemlinguo* -a prece m, 395, *septfúlmino* ■ a voz vm, 443, *septicole* Roma vm, 423, *septicorde* v, 246, *septisselo* livro vu, 140, *septítaurino* broquel vu, 28, *septívoco* invento m, 9, *sexfauce* voragem iv, 390, *similiamazónio* bico (do seio) x, 536, *simulcadente* iv, 353 n., v, 315, *simulsoância*, f. Iv., 353 n., *simulsoante* verbo v, 315, m., iv, 353 n., *suaviloquente* deus vi, 362, *talhilongo* -a doninha vi, 366, *taurifrônteo* pêlo vu, 9, *toupetrempola* ('montão de terra feito por toupeira') vi, 332 e n., *tracicomidos* panos-de-arrás v, 142, *unditremente* jarra m, 24, *verdeláureo* -a frente i, 130, *verdenegro* i, 378, m, 93, v, 205, *viticomado* nume v, 268.

beticolks (por * *beticolas* 'da Bética') varões II, 289, *celicolts* II, 353, m, 560, iv, 469, vu, 163; *uricremero* ui, 107; *fatimco* i, 193, II, 369, m, 208, iv, 23, v, 103,

Em breve artigo publicado no «Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa», 10 (1915-16), pp. 909-913, o dicionarista critica — por vezes sem motivo, como era de esperar da sua

133, 323; *angui éeko* v, 324, *aurífero* II, 289, 393, iv, 49, xi, 275, *bacífero* II, 403, *corimbífero* vm, 398, *ensífero* iv, 282, *flamífero* II, 295, 361, xi, 368, *frondífero* m, 156, *fruitífero* m, 309, *gemífero* v, 375, *hinífero* semblante m, 215, *laurífero* I, 131, 372, m, 183, 200, *mortífero* II, 385, m, 223, xi, 73, *nubífero* II, 412, *odorífero* m, 355, 400, vm, 433, *plumífero* m, 19, *sagüífero* m, 41, *salutífero* m, 174, vn, 54, *searíferos* campos II, 393 e n., *trombíferos* focinhos v, 205, *turífero* vn, 83, *undífero* (x, 7 F.); *benéfico* vn, 56, xi, 36, *dulcífico* iv, 391, *gerundíficos* cantos m, 177 e n., *horrífico* v, 86, vn, 207, 290, *magnífico* m, 367, iv, 25, 290, *maléfico* I, 69, iv, 66, *melífico* m, 401, v, 104, *pacífico* I, 373, m, 349, *terrífico* m, 367, v, 87, 324, *versífico* -a virtude v, 133, *vivífico* sol v, 89, *vulnífico* m, 550; «*z*||flamo -as fogueiras, v 433; *eternIFUJOS* rios m, 153, *flavifluo* Tibre vm, 431 e n., *melifluo* I, 72, 160, 189, xi, 77, *metrifluo* vn, 64, *undifluo* (xiv, 168 F.); *saxifrago* iv, 25, vn, 28; *defluxifugo* açúcar m, 11, *invernifugo* couto iv, 118; *noctígeno* -as Parcas I, 203, *omnígenos* vassallos vi, 279 e n., *terrígenas*, m. pl. ('Titãs') xi, 63 ; *aligero* i, 205, II, 390, m, 209, v, 84, vi, 362, *armígero* m, 375, *belígero* II, 281, 350, 393, 422, xi, 64, *ceptrígero* iv, 51, vn, 19, *clavígero*, m. II, 369 n., *cornígero* I, 371, II, 369, 374, m, 67, 259, iv, 114, 339; *crescentígero* -a lua vn, 15 ; *famífero* (cf. *famigerado*) m, 22, vn, 259, 263, *flamífero* hi, 4, 193, 368, v, 427, xi, *ÇA*, *florigero* vm, 214; *morigero* m, 291, *refrígero* ni, 360, v, 84, *tirsígero* v, 267, *torrígero* -a frente xi, 72, *turrígero* -as costas (dos elefantes) II, 446; *sacrilego* i, 188, m, 214, xi, 101; *altíloquo* i, 58, 69, 417, m, 58, *grandíloquo* I, 132, iv, 387, v, 99, 320; *ew*||*parla* nobreza m, 538, *esquisiparla* ('précieuse ridicule'), f. x, 531 e n., 548 n., *esquisitiparla*, f. x, 533, *galiciparla*, f. iv, 264, v, 141, 143, 145 n., 147 n., *gongoriparla* ('phébus'), f. x, 555 n., *latiniparla*, f. v, 141, x, 554-555 n., *orac'liparla* nume v, 53; *alí* pede n, 377, 385, *bronzípede* veado II, 370 n., *caprípede* iv, 396, v, 320, 339, *cornípede* η, 328 n., m. η, 413, 427, *coxípede* Marte m, 270, *levípede* η, 392, *velocípede* iv, 26, ix, 182; «*l*||*potente* v, 320, ix, 5, *altípotente* xi, 93, *arcípotente* (? x, 12 F.), *herbípotente* nume Iv, 387, *omnípotente* m, 297 ; *altíssonos* (cf. *altíssonante*) m, 341, *dulcíssonos* I, 130, 190, m, 355, 374, 376, 407, v, 102, *horríssonos* (cf. *horríssonanté*) n, 447, m, 221, 419, xi, 89, *undíssonos* iv, 391, vm, 214, 313, 419, *uníssonos* iv, 343; *montívago* II, 401, *orbívago* v, 86, *tortívago* -a luz xi, 69, *undívago* iv, 46, v, 172, *velívago* I, 193, m, 394, iv, 80, v, 135, *voltívago* Meandro vn, 63; *flamívOMO* m, 185, 351, 366, iv, 115, v, 192, vn, 290, 352, *fulminívomo* -as ameias m, 391, *ignívomo* v, 328, xi, 28; *carnívoro* vn, 209.

ambrifogodoro licor m, 257 n., *aurícorneabronzípede* corça vn, 13, *capribarbi-cornípedes* felpudos egipãs m, 66, *capricornípede* sátiro m, 350, *fumíflavirruivo* -as labaredas v, 405, *labimelifluo* -a Persuasão m, 349. Sobre este tipo de compostos, ver as notas de Filinto em m, 257 e v, 405-406.

ajunta-nuvens Jove vi, 362 e n., vn, 235 e n., *atola-dente* lombo v, 386, *corre-terras*, m. m, 384, *engana-parvos* hipócrita I, 412, *esfolo-gato* iv, 371, *espanca-enfados* taça v, 173, *espanca-trevas* vara II, 379, *foge-p'rigos* gente vi, 372 e n., *ganha-vida*, m. vi, 532 e n., *grama-queijo* gato (fr. *grippe-fromage*) vi, 366 e n., *guarda-sombras* espectros vn, 290 e n., *lava-guelas*, m. m, 87, *morde-cunhos* (fr. *pince-maille*) vi, 435 e n., *papa-*

escassa preparação filológica — numerosas «incorecções», «audácias e extravagâncias»⁹, que se lhe depararam na leitura, feita com «paciên-

-moscas, m. ui, 116, *pica-carnes* abutre m, 71, *pisa-curto* povo vi, 147, *porta-clava* nume 11, 369, *porta-guizo* ave vi, 522 e n., *porta-júbilos*, m. iv, 371, *quebra-cabeças*, m. ui, 244, *rabo-leva*, m. v, 138, 385, *roça-nuvens* paços ui, 381, *roça-ruas* fivela v, 394, *trava-conta*, f. vi, 510 e n., *trinca-malha(s)* rato (fr. *ronge-maille*) vi, 366, m. 368, 550, *valem-tudo* carinhas m, 288, *verte-chamas* coche 11, 293, *vira-espeto*, m. vi, 372 e n.; *come-em-vão*, m. iv, 229 n., 280 n., ofício 1, 413, namoro v, 400, *ripa-a-dente* alcachofra ui, 346, *tecto-às-costas* infanta vi, 530 e n.

Compostos com elementos de origem helénica: v. an. 15.

Repetidas vezes o Autor se defendeu das censuras que lhe moviam pelo abuso e ousadia dos seus *sesquipedalia uerba*. Característica, a despeito da pobreza da argumentação, a nota a *colocambeante* (vi, 283): «Sei que há muita pessoa de cutiliquê que tem tomado teiró com as minhas palavras compostas. Porque se não enfadam com Camões que tanto usou delas? Porque se não enfadam com Garção, com Dinis, com Alfeno, que, imitando Gregos e Latinos, douraram com elas suas excelentes poesias? Só para o pobre tradutor Filinto está alçada sempre a palmatória! Ora se eu, basculhando o *Dicionário* de Morais, compusesse uma matrícula das palavras compostas que V. M., senhor crítico enfadado, usa na prosa da sua conversação, que resposta me daria V. M.?... O melhor é calarmo-nos ambos, e deixar ir quem vai.» Cf. também v, 405-406 n.

⁹ Condenação alguma, à parte a estética, poderá fulminar:

— compostos morfológicamente aceitáveis, com *anguirrodente*, *batatífago*, *esquisitiparla* (já o mesmo não diremos de *sept fulmina* e *manticostumes*, e de outros que Figueiredo não cita);

— adjectivos *genebro* v, 203 (ardor: não equivale a *genebrino*, *genebrês*, porque se não liga a *Genebra*, mas a *genebra*) e *freira* 1, 32 e n. por *freirática* (língua) : cf. também *alforrecas* vozes iv, 231, *artífices* mãos 1, 61, *bacharela* língua 11, 76, *bazóftios* palavrões v, 138, *bonança* mar (cf. *tormenta* mar) vu, 117, *cadaval* -is exéquias v, 71, *consultos* anciões, ânimos 1, 34, 52, *demérito* desterro, exílio (cf. *imérito* -as injúrias 1, 104) ui, 337, iv, 151, *empeçilho* enfeite vi, 237 e n., *hespérides* pomos m, 156, *imémório* 1, 100, *indisciplinos* galos m, 181, *indus tres* merces m, 375, *milhafres* rapazes i, 58, *mistifório* -a frandulagem, ortografia v, 138, 447, *pardal* polpa vi, 499 e n., *pés-de-bronze* cervo 11, 370 e n., *redobre* gluglu m, 19, *remémoros* ouvidos 1, 37 e n., *semicírculo* aroma, -as alâmpadas vii, 60, 91, *tormenta* mar (cf. *bonança* mar) vm, 416, *zamberino* -a farfalhada v, 269 e n.;

— superlativos como *etiquetíssimo* m, 28 n., *orelhíssimo* v, 144, *viagíssimo* xi, 267, que têm paralelo em outros coloquialismos do português e das línguas românicas (são, como é sabido, muito frequentes em italiano: por ex. *campioníssimo*, *poltroníssima*, *veglioníssimo*, *Wandíssima*): v. as alegações de Filinto em 11, 393-394 n., vi, 237;

— advérbios como *mulhermente* iv, 385 e n., e *pülpitamente* vi, 384 n. : cf. os burlescos *clistermente* e *lucrèciamente* de Camilo;

— prosódias como *Hélena* xi, 81, 147 (mas p. ex. *Helena* vm, 130), e *académia* 1, 33, m, 47, tão naturais, em poesia, como *Aufido* 11, 282 e n., *Bátavo* iv, 48,

cia beneditina»¹⁰, das obras de Filinto. E a sua maior estranheza vai, precisamente, para a palavra *syndapso* com que termina o passo mencionado (p. 912):

«Que entenderia ele por *sindapso*, vocábulo que não descubro em nenhuma língua românica, e cuja composição ou derivação é mistério para mim?

«À primeira vista, poderia ser termo híbrido, formado da partícula grega *sun*¹¹ e do latim *daps*, podendo, neste caso, significar uma espécie de 'comensal'. Mas quem sabe lá a intenção do poeta?»

Em boa verdade, a ideia de um híbrido greco-latino deste tipo não era, para Filinto, das mais esperáveis: Francisco Manuel do Nascimento vertera, é certo — do francês de Boileau... —, o helénico tratado *Do Sublime*¹²: porém não devia saber muito mais grego que o bom Castilho — tradutor também, mediante «reflectores», do Pseudanacreonte e do *Rapto de Europa* de Mosco¹³. Dentro do latim, e do português, o poeta forjava com desenvoltura quantos neologismos lhe faziam jeito¹⁴: mas, no tocante ao grego, as dificuldades subiam

vn, 190, *Bérides* 1, 351, iv, 57, *Deifobe* ui, 120, *Hierocles* vm, 130, 149, 165, 182, etc., *inópino* vm, 418, *metamorfose* vi, 302 e n., *octogono* v, 253, *ópino* 1, 132, *Solima* m, 320, *teoria* vn, 120, *Téreo* vi, 420 e n., *Trasimeno* 11, 282, *Triptolemo* vu, 44.

10 Que a leitura fosse, como diz, «atenta», e a paciência, «beneditina» — é lícito duvidar, quando se observa (v. as nn. 8 e 9) que a exemplificação de Figueiredo é insuficiente e que, afirmando embora (*Novo Dicionário* 5, 11, p. 1322) que o dever do lexicógrafo é consignar até os neologismos inúteis ou disparatados, ele não regista na sua obra dezenas de vocábulos que uma consulta menos sumária de Filinto lhe ofereceria.

H Já Guimarães Daupiás {*Explicação Necessária* da 5.^a ed. do *Novo Dicionário*, p. xiv} estranhou a transliteração sistemática que faz Cândido de Figueiredo — contra os direitos da tradição, e até da verdade científica (a equivalência *v*: *u* não vale para o ático) — do ípsilon por *u* em vez de *y*.

12 Diz o Autor, no *A quem Ier* anteposto à sua tradução (xi, 291): «Confesso que o pouco, ou quase nada, que aprendi da língua grega me não daria afouteza para traduzir do original este tratado: como, porém, lendo a versão que dele fez Boileau, encontrasse eu ditames que seriam úteis a quem, ignorando a linguagem de Longino, folgaria de os ler em português, tapei a boca ao desluzte de ser tradutor de uma tradução.»

¹³ *Fausto* de Goethe trasladado a português por Castilho, ed. pop. de 1938, pp. 13-14 {*Advertência*}.

¹⁴ Ver a n. 8.

de ponto: os raros helenismos de Filinto¹⁵ procedem, na sua maioria, de «matrizes» literárias ou transliteraões registadas nos léxicos latinos do seu tempo; e as suas «etimologias» gregas — ou antes do amigo Verdier — desafiam à hilaridade o leitor mais sisudo¹⁶.

Além disso, atentando bem no contexto, não se vê distintamente como pudessem «mazorros comensais» ser responsáveis pelo letargo em que jazia a língua corrompida: pela boçalidade, talvez, ou pela negligência com que a tratavam, ocupados sempre em obras de gargantoíce?... A interpretação era pouco satisfatória: mas Figueiredo repisou-a no artigo *sindapso* do *Novo Dicionário*:

«Invenção enigmática, talvez relacionada com o grego *sun* e o latim *daps*, designando quem se banqueteia lautamente com outros. O enigma é confessado pelo Autor, pois diz, em nota: *quis potest capere, capiat*. Diversão mal empregada.»

E Pereira Tavares, nas anotações da selecção de *Poesias* de Filinto Elisio, editada na «Colecção de Clássicos Sá da Costa», reproduziu (p. 8), embora com dúvida, a opinião do lexicógrafo:

«*sindapso*. Não se conhece a significação do termo, criado pelo Autor. Ele mesmo, em nota, escreveu: *Quis potest capere, capiat*, que é como quem diz: «quem pode perceber, perceba.» Cândido de Figueiredo supôs que *sindapso* designa ‘aquele que se banqueteia lautamente com outros’.»

O erro de Cândido de Figueiredo — que utilizou, como se vê pelas citações, a edição de 1836-40 — esteve em julgar que *biltres* (correcta-

¹⁵ Aqui vão os únicos compostos, com um ou com os dois elementos gregos, que registámos: *bataifugo* m, 181 n., iv, 96 e n., v, 223, *estenógrafo* v, 53, *gigantófono* I, 183, *hecatômpilo* vm, 16, *hinógrafo* vm, 359, *hipéfalo* (por *hipélafo*) vn, 206, *hipógrifo* II, 8, *pseudossábio* vn, 135, 299, vm, 404.

¹⁶ Cf. m, 553-554 n. e xi, 269-270 n. : *badulaque*, de *βάθος* e *λαγόν*; *bródio*, de *βρωτός* ou *βρώσις*; *cação* ‘prostituta’, de *κάσσα* ; *caçoadá*, de *κασσων* ; *cangar*, de *γαγγάμη*; *chalaça*, de *χάλαζα*; *coça*, *coçar*, *cócegas*, de *κανσις*; *críca*, *ὑἶ κρίκος*; *esmagar*, de *σμώχω*; *gargalo*, de *γαργαρέών*; *lambaz*, de *λαμβάνω*; *lapuz*, de *λάπτω* ou *λαπάζω*; *lérias*, de *λήρος*; *louça*, de *λοῦω*; *manganão*, de *μάγγανον*; *patacoada*, de *παταρέω* ou *πατάσσω*; *rego*, de *πηγή*; *peitar*, de *πέιθω*; *toló*, de *θολός*; *trapalhão*, *trapalhada*, de *τραπελός* e *τρέπω*; *triz*, de *θρίξ*; «etc., etc., etc.»... Salvam-se *celeuma*, de *κέλευσμα*, e *ronco*, que é realmente da família de *ρόγχος*, * *ρογγάζω*.

mente *biltris* na edição de 1817-19) do primeiro hemistiquio tinha a acepção, única documentada em dicionários portugueses, de ‘homem vil, desprezível, ridículo’¹⁷, e que a nota de Filinto — *quis potest capere, capiat* — se referia, por conseguinte, somente à palavra final do verso, *syndapso* (erroneamente grafada, como vamos ver, em todas as edições). Ora é fácil demonstrar que *biltri* não era tomado no sentido de *biltre* — antes designava objecto, e não pessoa; e que, sendo termo, na origem, repetidamente associado ao misterioso *syndapso*, preexistente e não inventado por Filinto, o poeta se referia ao mesmo tempo às duas palavras.

A propósito do castelhano *belitre*, escrevia em 1611 Covarrubias, no seu *Tesoro*¹⁸:

«Nombre francés, parece diminutivo de Belial, o sinifica *non vault rien*, en lengua valenciana, o de Belitre, ciudad de Apulia, *uel a blitteo, quod latine res est uilis et nullius pretii, a blito herba inerte et nullius saporis; haec Carolus Bobilius.*»

À incerteza do lexicógrafo espanhol, com três etimologias, correspondia dois séculos e meio depois a perplexidade dos refundidores do *Grande Dicionário* (1871) de Domingos Vieira, que, no artigo *biltre*, mencionavam quatro, inclinando-se embora para a última:

«A origem da palavra é incerta. Tem-se pensado que vem ou do latim *balatro* ‘valdevinos’; *ballistarius* ‘soldado que servia as balistas’; *blitum* ‘bredo’, planta que, por causa do seu pouco sabor, era empregada para designar um homem sem dinheiro; ou do alemão *Bettler* ‘mendigo’, por metátese *Bletter*, conjectura que se apoia principalmente sobre o facto de *bélitre* em francês ter significado ‘mendigo’, e a existência, no século XVI, de um verbo *bélistrer* ‘mendigar’. Esta conjectura é mais aceitável.»

¹⁷ Um exemplo em Filinto (v, 50): «Dize-me, Apolo, que conceito fazes / disto que chamam rima uns melquetrefes, / uns *biltres*, umas certas sabichonas, / regateiras de trovas bordalengas.»

¹⁸ Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana o española según la impresión de 1611, con las adiciones de Benito Remigio Noydens publicadas en la de 1674*. Edición preparada por Martín de Riquer. Barcelona, 1943.

O étimo germânico gozou, e goza ainda hoje, do favor que lhe vem de ter recebido a aprovação de Meyer-Líibke (*R.E.W.*, s.u. *bed-laer*) e Wartburg (*F.E.W.*, s.u. *bettler*). Mas, se bem que satisfatório para um dos sentidos da palavra francesa, o alemão *Bettler* levantava dificuldades de ordem fonética: pelo que Bloch, na primeira edição do seu *Dictionnaire étymologique de la langue française* (Paris, 1932, s.u. *bêlître*), recordava ainda, considerando-a embora «pouco verosímil», uma derivação (mediante o sufixo *-istre*, paralelo a *-iste*) de *bêler*, na acepção — artificialmente reconstruída — de ‘celui qui pleurniche en mendiant’. Hipótese que, aliás, não volta sequer a ser mencionada na edição seguinte (Bloch-Wartburg, *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, 1950, s.u. *bêlître*), porquanto se regressa com dúvida a *Bettler* ou outra «forma dialectal germânica», aludindo somente à possibilidade de que a alteração fonética possa explicar-se «por percepção inexacta no momento da importação».

Sucedo, por outro lado, que o italiano possuiu *blittri* ‘coisa de somenos, bagatela’ (*questi aveva ridotto ogni cosa al blictri*, Parini), ‘simplório’ (*essere un blittri*), e ainda hoje dialectalmente possui uma opulenta floração de *bli(c)tri*, *biltri*, etc. (venez., *blitri*, *biltir* ‘pateta’, brix., berg., mant. *blicter*, ferrar, *blictar*, mod. *blicir* ‘bagatela’, tur. *blitri*, *blitri* ‘insignificância’, parm. *un blicter* ‘um quase nada’, bolonh. *blicter*, *blictri*, sic. *biltri* ‘criatura de somenos’, e ainda outros; cf. também al. austr. e magiar *bliktri*, bæv. *das Plictri* ‘as aparências’¹⁹), que se mostram, na forma e no sentido, inseparáveis do port. *biltre*, cast. *belitre*, fr. *bêlître* (*belistre*, *blistre*, *blitres*). E já em 1870 Schneller (*Die romanischen Volksmundarten in Südtirol*, p. 377²⁰) sugeria para as formas italianas e alemãs um latim tardio *blictrum* (*plietrum*) ‘espuma de cerveja’ (cf. *blictrire* ‘espumar’, dito da cerveja), que parece não ter atraído a atenção de Meyer-Lübke e Wartburg, mas que em 1951 Angelico Prati acolheria como «adatto» no seu *Vocabolario etimologico italiano*, s.u. *blittri*.

A boa etimologia é, sem dúvida, a de Corominas (*Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, Madrid, 1954, s.u. *belitre*), que tira o francês *bêlître* (origem provável do castelhano *belitre*), as formas italianas citadas, o catalão *blitiri*, *blediri* (‘caloiro’) e o portu-

19 Todas estas formas são tomadas de Angelico Prati, *Vocabolario etimologico italiano*, Turim, 1951, s. u. *blittri*.

²⁰ Cit. por Prati, *ibid.*

guês *biltre* ²¹ do grego β λ ί τ ρ ι, «empregado pelos escolásticos como tipo de vocábulo que não significa nada». «A palavra helénica — acrescenta o linguista do país vizinho —, aparentada com βλιτάς ‘velha insignificante’ e βλίτο μάμ(μ)ας ²² ‘palerma’, usou-se como termo técnico da filosofia, desde a Idade Média até ao século xviii, às vezes deformado em *b l i t r i*, *b l i c t r i*, e popularizou-se no sentido de ‘coisa ou pessoa de somenos, ou sem valor’, de onde ‘mendigo’ em francês e ‘tratante, malvado’ em castelhano ²³.»

A simples consulta de um bom dicionário da língua grega, como o de Liddell-Scott, permite, aliás, encontrar para β λ ί τ ρ ι citações anteriores à Idade Média: Artemidoro Daldiano, Galeno, Sexto Empírico, S. Clemente de Alexandria ²⁴, no século ii; Diógenes Laércio ²⁵, no século m. João Alberto Fabricio, em nota ao passo de Sexto Empírico (*Opera*, Lípsia, 1718, pp. 482-483), recorda ainda o testemunho de um filósofo do século v, Amónio ²⁶. E, pelo mesmo tempo, Hesíquio de Alexandria não deixa de mencionar βλίτρι ‘χορδής μιμημα’ ²⁷.

²¹ Ao contrário de Adolfo Coelho, Meyer-Lubke, Nascentes e José Pedro Machado, que vêm no fr. *béltre* a origem de *biltre*, Corominas entende que as formas catalãs e a portuguesa são representantes autóctones de β λ ί τ ρ ι [β ί λ τ ρ ι]. *Pelindra* ‘pessoa esfarrapada, mas com pretensões’ viria ainda da mesma palavra, influenciada por *pelitre* < lat. *pyrethrum*, gr. π ν ρ ε θ ρ ο ν .

²² Inexactamente acentuado βλιτόμαμμας: trata-se de um composto aristofânico (*Nub.*, 1001; cf. μαμάκθος e συκομάμμας, e v. Costa Ramalho, *Διπλά ονόματα no Estilo de Aristófanes*, Coimbra, 1951, p. 59), que geralmente se liga a βλίτον (Boisacq, Hofmann, Frisk), mas que não é de excluir (cf. Frisk) pudesse relacionar-se com μέλι. Convém notar que Frisk, no artigo βλίτον (omitida a variante βλήτον) do seu *Griechisches Etymologisches Wörterbuch* em publicação, não regista βλίτρι (também βλήτρι, *Suda*, s.u.). O mesmo faziam já Boisacq e Hofmann.

²³ Informa Corominas que na América se conservaram acepções mais antigas que em Espanha: dominicano *belitre* ‘frágil, débil’, argentino *no se le importa un belitre* ‘lo mismo le da’.

²⁴ Os passos que interessam vêm citados no corpo do artigo ou nas notas 28-30.

²⁵ (7.57) διαφέρει <5ε φωνή και λέξις, δτι φωνή μεν και ο ήχος εστι · λέξις δέ λόγον διαφέρει, δτι λόγος άεί σημαντικός εστι * λέξις δέ και άσήμαντος, ώς ή β λ ί τ ρ ι .

²⁶ *De interpr.*, 13: διακρίνει το όνομα των άσήμων φωνών, οϊον β λ ί τ ρ ι , κοάξ.

²⁷ Cf. também *Etym. Magn.* 201.43: β λ ί τ ρ ι εστι φωνον ή φάρμακον, ή χορδής μιμημα.

Ora tanto Artemidoro ²⁸, como Galeno ²⁹, como Sexto Empírico ⁸⁰, como no século x (?) a *Suda* ³¹, associam a esse βλίτρρι — «φωνή μόνον, ονδεν σημαίνονσα», para nos servirmos das palavras de S. Ciente (*Strom.*, 8.769) — o vocábulo σκινδαψός, talqualmente empregado para designar «a word without meaning, a 'what d'ye call it', 'so-and-so'» (Liddell-Scott) ³². E não deixa de ser interessante observar como duas palavras externamente diversísimas apresentam, não obstante, várias aproximações, claras ou latentes, de significado.

a. βλίτρρι (βλήτρρι) parece — ainda que o processo formativo seja obscuro (influência onomatopeica aceitável no caso de c?) — derivada de βλίτον (βλήτον) 'breto', erva considerada, entre os antigos, de pouca valia, e fraco sabor (cf. lat. *bliteus* 'insípido', 'simplório' 'desprezível' e, de *beta* cruzado com *blitum*, it. *bietolone* 'parvalhão'); σκινδαψός, por seu turno, é nome de uma 'planta semelhante à hera' ³³;

²⁸ (4.2) Não podemos conferir o passo: mas diz João Alberto Fabricio em a nota cit. a Sexto Empírico, *Adu. math.*, 8.133: «βλίτρρι, σκινδαψός. Vocabula nihil significantia quae iunguntur etiam apud Artemidorum 4.3 [Liddell-Scott: 4.2].»

²⁹ (8.662) καί πον καί βλίτρρι ζόμενον ἐρώ σφυγμόν και σκινδαψιζόμενον, εἰ χρή λέγειν ονόματα μόνον, ἀλλά και το βλίτρρι φασί και το σκινδαψός ἀσημα παντελώς εστι. Cf. 7.348.

³⁰ *Adu. math.* 8.133: ἀλλ* εν μεν τή μή σημαίνουσ τι ολον τή βλίτρρι και τή σκινδαψός ούκ αν εἶη τι.

³¹ (335) βλήτρρι· οντω λέγονσι και σκινδαψόν. εἰσι δε παραπλήρωμα λόγον μή εχοντα λόγον. ³Ιόβας δὲ τον σκινδαψόν οργανον μουσικόν ἀποδίδωσι, το δὲ βλίτρρι χορδής μίμημα (cf. 346).

³² O *Greek-English Lexicon* cita, para este sentido — além de Artemidoro, Galeno e Sexto Empírico — abonações do filósofo Hermias de Alexandria, *In Platonis Phaedrum scholia*, p. 180 Ast, e do lexicógrafo Estêvão de Bizâncio, s.u. *Γαληψός*. Acrescentaremos uma referência de S. João Damasceno (século viii), *Dialectica*, t. 1 Opp., p. 12: σκινδαψός γράφεται, ο ντε σημαίνει τι, οντε γαρ γέγονε σκινδαψός, οντ εστι.

No limiar da Idade Média, Boécio, o «primeiro dos escolásticos» (século vi), escreve (*Arist. libr. de interpr.*, p. 221): *Naturaliter nomen nullum est, sed quando fit nota: tunc enim significat nomen secundum placitum, quod fit nota alicuius rei, id est, quando significat aliquam rem: ut scindapsus. Quamdiu enim huic uoci nihil subiectum est, scindapsus nomen non est: nam nominis est significare subiectum, se in dapsus autem subiectum non significat.* Quicherat-Daveluy e Gaffiot escreveram erroneamente *scindappus*.

³³ Clitarco, 17 J [cf. Sch. Apol. Rod. 2. 906]: Ννσα δρος ἐκνήν εν Ἰνδική, καί κισσίοι προσόμοιον φντον φντεύεται εκεί, ο προσαγορεύεται σκινδαψός.

b. *βλίτυρι* pôde, ao menos nos seus prolongamentos românicos, designar 'pessoa de somenos, criatura vil'; *σκινδαχρός* é, em Galeno, equivalente de *οϊκέτης*³⁴, e o silógrafo Timón diz, falando de urna *λίχνόγραυς*, que ela tinha *νονν* [...] *ελάσσονα κινδαχροῖο*³⁵;

c. *βλίτυρι* exprime 'som das cordas de uma harpa'; *σκινοδαίρος*, um 'instrumento musical de quatro cordas'³⁶;

d. enfim, os dois termos são tomados na acepção comum de 'som, palavra sem sentido', e Galeno forma, quer de um, quer de outro, os verbos derivados *βλίτυρίζομαι* e *σκινδάψομαι*³⁷.

Não saberíamos (de resto o ponto é secundário para a solução do problema) dizer onde encontrou Filinto reunidas as duas palavras *— se directamente na versão latina de algum dos autores helênicos citados, se indirectamente em um dos compêndios de filosofia (lógica?) por que estudara na mocidade, em um comentário de texto clássico ou em um dos dicionários que habitualmente consultava³⁸, enquanto teve livros³⁹. A *Prosodia* de Bento Pereira, que sabemos ter andado

³⁴ «Ou nome de um *οϊκέτης*» (Liddell-Scott) : v. em a n. 36 a transcrição do passo de Galeno.

³⁵ Frg. 38,3 (cit. por Diógenes Laércio, 7.15).

³⁶ Anaxilas, 15 (*εγὼ δὲ βαρβιτούς, τριχόρδους, πηκτίδας, / κιθάρας, λύρας, σκινδαχρούς*) cit. com Teopompo Colofónio ap. Ateneu 4. 183 a (cf. 14. 636 b); Galeno, 8.662: *ἀλλὰ καὶ τὸ βλίτυρι κροῦμά τι δηλοὶ καὶ τὸ σκινδαμος οὐκ οἰκέτον μόνον ἀλλὰ καὶ ὄργανον τινὸς ἐστὶν ὄνομα*; cf. *κινδαψοί· ὄρνεα καὶ ὄργανα κιθαριστήρια, καὶ Ἰνδοί* Hesíquio.

Com valor semelhante ao de *βλίτυρι* e *σκινδαμός* usou-se também *τραγέλαφος* (Estêvão de Bizâncio, s. u. *Γαληψός*).

³⁷ Cf. a nota 29.

³⁸ Filinto cita, em notas, o dicionário grego de Schrevelius (vi, 160, 362), os latinos de Fonseca (ii, 285, 303, 313, 350-351, 443) e Bento Pereira (ii, 303, 350, 443), o *Elucidário* de Viterbo (ii, 7), os portugueses de Bluteau (ii, 334) e Morais (ii, 7, 91, 105, 443, 455, m, 537, iv, 184, vi, 283, 428, vn, 313, vm, 45, 68, 193), o francês da Academia (vi, 353, 456, 491, x, 404), o franco-italiano de Oudin (vi, 163) e ainda outros (Pedegache, vi, 272, Sabbathier, iv, 252).

³⁹ Insistentes queixumes sobre a falta de livros, perdidos, roubados, prometidos, reclamados: v., entre outros, ii, 303, m, 173, vi, 236, 246, 270, 321, 332, 463, 511, vn, 223, vm, 255, 328, xi, 61, 62. Aqui se transcreve a mais desolada e extensa dessas querimonias (vn, 223): «Pela quarta vez me vejo destituído de livros e obrigado a citar de memória. Perdi, pelo terremoto, quantos livros então possuía. Pela segunda vez, perdi quanto meu pai ganhou no serviço de el-rei, em sessenta anos que foi marítimo; e os bons livros clássicos, gregos, latinos, italianos, alguns france-

amiúde nas suas mãos ⁴⁰, traz realmente (6.^a ed., 1683) as duas palavras, por sinal com a mesma citação (o comentário de Delrius a *lyra* in *Agamemnon*, 328 de Séneca ⁴¹):

«*blityri*, o som da corda. *Contra dialecticos*, ex Delrio in Sen. *Agam.* act. 1 chor. num. 328.»

«*scindapsus*, *i.* Certo instrumento músico de cordas. *Contra dialecticos*, ex Delrio in Sen. *Agam.* act. 1 chor. num. 328.»

Mas, uma vez que as duas palavras sobreviveram — como os vários *barbara*, *celarent*, *baralipton* — na linguagem dos escolásticos até ao final do século xviii, Filinto pode tê-las ouvido ao seu mestre de filosofia, aquele mesmo que rotulava de «*fósmeas* intelectuais» «todas as concepções disparatadas e ininteligíveis» ⁴². E se, neste caso, o bom do lente (ou Filinto por ele) extravagava, ao falar de *biltris* e *cindapsos* não fazia mais do que evocar duas palavras de boa cepa antiga. Só uma consulta beneditina dos manuais de filosofia — ou até de arte poética — em voga nas escolas do tempo daria, talvez, a resposta aproximada que se deseja. Aproximada, insistimos: porque, sendo a *Carta* obra da velhice (Filinto contava, ao rematá-la, sessenta e cinco

ses, castelhanos e muitos portugueses, que com bem custo e trabalho tinha junto, lá mos sequestraram em Portugal. Pela terceira vez, perdi móveis e setecentos volumes, o mais injustamente — desde que o mundo é mundo — penhorado por sentença de juizes. Pela quarta e última vez — digo última, porque já não tenho que me penhorem —, a minha tal e qual livraria, fato e móveis os perdi, pela perfídia de uma mulher que tomei para me servir, a qual os juizes condenaram a restituir tudo e a dous anos de prisão, e outros arbitraram que ela ficasse com tudo : e, a querer eu resgatar o que era meu, pagasse novecentos e quarenta francos, que eu nunca devi.»

40 Cf. n. 37.

41 Martini Antonii Delrii [...] *Syntagma tragoediae Latinae* [L. A. Senecae].

Lutetiae Parisiorum [...], MDCXX.

42 Informação do poeta (v, 389 n., onde, a propósito, cita Horácio, *Ad Pisones*, 7-9). Figueiredo considera inventada esta palavra *fósmeas* II, 337 n., v, 389 e n., bem como o adjectivo *fósmeo* (-a luz) vi, 425 déla extraído; e Filinto parece dar-lhe razão ao escrever (vi, 425 n.): «Já noutra nota [v, 389] advertí que o meu mestre de filosofia chamava *fósmeas* todas as coisas imperceptíveis, e de que se não podia dar definição. A razão etimológica de *fósmeas* não a confiou ele de mim, que era então muito rapaz, e muito estouvado,»

invernos bem curtidos), não é possível assegurar que fosse aquela a única e remota despertativa.

Em suma, as grafias erróneas *biltres* (na edição de 1836-40) por *bíltris*, e *syndapso* (já na edição de 1817-19, e repetida na de 1836-40) por *scindapso* — na escrita actual *cindapso* — desnortearam Cândido de Figueiredo e obscureceram, para o dicionarista e para os raros estudiosos que depois dele se tenham debruçado sobre o texto filintiano, o sentido genuíno da expressão. O enigma, afinal, era bem fácil de solver. *Bíltris* e *cindapsos* — dois hápax na nossa língua — retomam e agravam o termo *gerigonça* que se lê à entrada do passo transcrito da *Carta*: designa este, no jeito habitual do poeta, o «bordalengo» falar e escrever dos «espanéficis doutores» da «galiciparla»; aqueles, a fátua (*balofa*) e achavascada (*mazorral* ⁴⁵) inanidade dos discursos e locuções em que se pouca a língua pura «de Barros, Brito, Sousa, e de Lucena».

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

⁴³ Morais¹⁰ dá para *mazorral* o sentido de 'rude, tosco, grosseiro; incivil', bem adaptado a v, 49: «assim não ferem / os ouvidos da antiga vizinhança, / do ferrador os *mazorrais* martelos». No trecho citada da *Carta* não é de excluir, porém, a acepção de 'preguiçoso, indolente', única, por sinal, conhecida de Bento Pereira, que traduz *mazorral* por *desidiosus*.